

Stadium

N.º 163 — 15 de Janeiro de 1946 — Esc. 2\$00

O Grupo de honra do FÚTEBOL CLUBE do PORTO



Handwritten signature or text in the bottom right corner of the photograph area.



“FLECHA”

A BICICLETA DOS CAMPEÕES

**Para homens,
senhoras
e crianças**

A mais leve e resistente

**A ILUMINANTE — Lisboa — Largo do Intendente 11 a 15
Telefones 46186, 46187, 51146**

Transportes regulares de passageiros

ENTRE:

Sertã — Lisboa
Sertã — Pedrógão Pequeno
Oleiros — Sertã
Sertã — Álvaro
Proença-a-Nova — Sertã
Castelo Branco (Est.) — Sertã
Figueiró dos Vinhos — Sertã
Figueiró dos Vinhos — Coimbra
Tomar (Est.) — Sertã
Ferreira do Zêzere — Tomar

N. B. — As n.º carreiras procedentes de Coimbra — Figueiró — Sertã ligam em Castelo Branco com as que se destinam às termas de Monfortinho.

Garage e Escritório

em **LISBOA** na

Avenida Almirante Reis, 62-H

TELEF.: (Lisboa 45503
Sernache 4

Em **Luxuosos Auto-Carros** da:

Companhia de Viação de Sernache, L.^{da}

SERNACHE DO BOMJARDIM



Cerdan, no seu canto, antes do combate, aguarda serenamente...

Marcel CERDAN
é um campeão!



Principiou o combate!



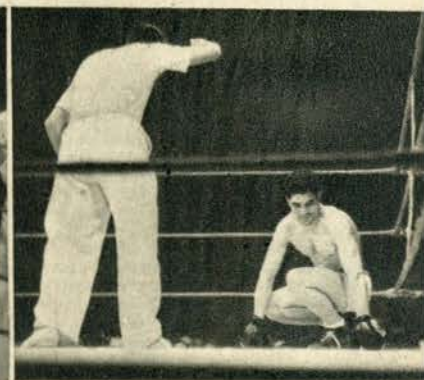
Agostinho Guedes, nesta altura, ainda não prevê o desfecho da luta...



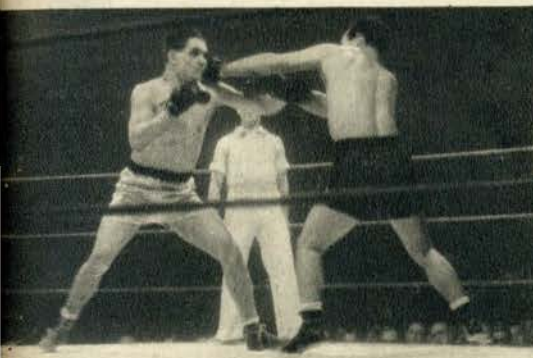
Mais uns segundos de jogo...



Os dois pugilistas e os restantes funcionários do «match»



... e Agostinho Guedes está irremediavelmente por K. O.



Um aspecto do combate Figueiredo-Clavari

LEVI empatou com GONZALEZ
e CLAVARI derrotou SOUSA



Mateus-Wilson em jogo



Levi e Gonzalez, numa fase animada



Tino Clavari domina Augusto Sousa

CAMPEONATO NACIONAL dos 12 clubes

LISBOA TEM A MAIOR TALHADA

De um modo geral, os resultados têm qualquer coisa de singular!

Crónica de TAVARES DA SILVA

A sexta jornada da Primeira Divisão foi disputada com muita energia, não se verificando grandes desníveis. Resultados que se verificaram:

Atlético 1	Sporting 4
Benfica 5	Elvas 2
Porto 3	Olhanense 4
Vitória (Set.) 1	Belenenses 4
Vitória (Guim) 3	Boavista 1
Oliveirense 2	Académica 3

De um modo geral, os resultados não devem considerar-se como surpresas. No entanto, à excepção do jogo entre os dois Sport de Lisboa, qualquer dos outros desfechos têm um pouco de singularidade.

Se era de admirar perfeitamente o triunfo leonino, já quanto ao número de bolas poderia haver dúvidas... E o caso é este: os *leões* passaram na Tapadinha, e por uma margem forte. Concluindo-se: o Atlético revela-se improdutivo.

O Porto, batido pelo Olhanense, sofreu mais uma derrota. A escorregadela do Campo Grande teve as mais funestas consequências. O Olhanense, cheio de brio, faz peso na balança do campeonato, e esta sua vitória representa um aviso para todos. Conservem-no na memória!

O Belenenses marcha de candeia acesa, tendo esta vitória conquistada nos Arcos grande valor. Em compensação, o Vitória de Setúbal faz menos do que o que seria lícito aguardar após a proeza do Estádio do Lumiar.

O Vitória de Guimarães conquistou os seus primeiros louros da tabela, aliás, triunfo que já vinha a desenhar-se. O *segundão* do Porto continua a ter duas faces: uma para os encontros que se disputam na cidade do Porto; outra de uso externo.

A Académica confirma a sua tendência para subir e afirmar-se um valor positivo. Venceu em Aveiro, com brilho, tanto mais quanto é certo ter o Oliveirense trabalhado com a mais dedicada boa vontade.

A leitura da tabela, às vezes tão expressiva, indica claramente a superioridade de Lisboa sobre os restantes concorrentes, ainda que lhe esteja reservada a cunha elgarvia. O grande espinho para os lisboetas! Própriamente no lote da capital, destaca-se o grupo hoje considerado mais forte, o célebre Belenenses, equipa de jogo artístico, não excluindo geometria e eficiência. Os seus onze pontos colocam-no no pico, seguindo-se o Benfica, também muito bem visto, a dois pontos de diferença. Atlético e Sporting, acasalados, mantêm entre si e os vermelhos a mesma dis-



lância que separa estes do campeão gloriosamente azul. Também o Olhanense está com 7 pontos, classificando-se como o n.º 1 da província, e grupo sensivelmente igual aos melhores. Vem depois um lote de três concorrentes, com 6 pontos, Porto, Elvas e Boavista, seguindo-se Setúbal e Académica, com 5; um passo atrás, portanto, Vitória de Guimarães figura com três pontos, e o Oliveirense, apesar de ainda não se ver o fim do torneio, parece estar condenado para a descida de trambolhão. O posto da cauda é verdadeiramente trágico, e dá ainda um pouco da sua dor ao penúltimo Quaresma ocupa o lugar de campeão dos marcadores, com oito bolas, seguido de perto por dois avançados-centros, Correia Dias e Cabrita, com sete tentos.

Melhor remate!

Está escrito. O Atlético sofre de descrença contra o Sporting. É-lhe mais fácil vencer outro qualquer... Contra o Sporting — tudo sai contra os seus desejos.

Deve dizer-se o seguinte: o resultado exprime o melhor remate, ou o magnífico aproveitamento das oportunidades. Mas está longe de referir o que se passou em campo, nos domínios técnico e territorial. Verdadeiramente, os grupos jogaram sensivelmente o mesmo, atacando ora um ora outro, e cada qual defendendo-se com bravura. No entanto, os *leões* devem à boa organização da sua defesa muito do seu triunfo. E que raras foram as vezes em que os *atléticos* abriram brechas na forte muralha sportinguista.

O Atlético jogou na base de entendimento, e em boa toada de conjunto. A equipa desenvolveu esquemas bem ligados, da defesa ao

ataque, mas sem sentido prático. Não basta organizar os lances, dando a sensação de que se sabe o que está a fazer-se em campo, mas é também preciso criar a oportunidade. A oportunidade e o seu aproveitamento é tudo! Futebol do qual não resulta perigo tem, manifestamente, qualquer coisa a funcionar mal.

O Sporting mostrou-se excelente, desta vez, no capítulo de remate, devendo averber-se a António Marques uma exibição de grande sentido prático. Os seus pés tomaram sempre o caminho das balizas.

O jogo correu muito bem para o onze sportinguista. Veja-se isto: ao princípio da segunda parte, o Atlético estebeceu o empate 1-1. Pois bem. O alento dado por esse tento rápido de Gregório foi logo cortado por uma segunda bola dos *leões*. E claramente irresistível...

O Atlético padece do mal de todas as equipas que, tendo um realizador, sucumbem quando este não realiza. Em vários grupos acontece esta coisa simplesmente pitoresca: todos os avançados deveriam rematar, mas só um é que remata!

Tendo arbitrado Domingos Godinho, de Setúbal, os grupos alinharam desta maneira: Atlético: Correia, Castro, Francisco Lopes, Galinho, José Lopes, Moraes; Micael, Oscar, Gregório, Armando e Marques. Sporting: Azevedo, Cardoso, M. Marques, Canário, Veríssimo, Lourenço, Cruz, Ferreira, Peyroteo, A. Marques e Albano.

Mais experiência!

O Benfica venceu com justiça. Visto em conjunto, a sua superioridade surge com clareza. Foi a linha média que conseguiu dar a devida organização à máquina, indicio certo da presença do grande Francisco Ferreira. Deste modo, tanto a jogar ao ataque como à defesa, o Benfica de Lisboa revelou o seu entendimento. Cada homem no lugar próprio e na devida oportunidade, em tarefa consciente. No entanto, em frente das balizas do adversário, os benfiquenses não foram tão destros como seria para desejar. A prova está em que, sentindo o defeito, o clube se resolveu à troca, passando Espírito Santo para o lugar de Luz. Fez-se logo luz. Por sinal, o excelente jogador do Benfica conseguiu uma exibição à altura da sua craveira. Tendo sido muito rápido à ponta, ainda imprimiu ao jogo no centro do terreno a boa ordenação, tornando as jogadas centilantes. O Benfica tem, nos seus dois extremos, óptimos condutores, e a forma prática de chegada, num repente, às redes do adversário.

Dizer que os lisboetas jogaram também à defesa quando o rumo do jogo os obrigou é, de certo modo, afirmar que o Benfica de Elvas não se confinou nos estreitos limites em frente das redes. Pelo contrário, os rapazes de Elvas deram-se sempre ao jogo, e com presença de espírito e audácias, que são os sinais dos bons grupos.

Poderiam, talvez, em táctica defensiva e, aliás, compreensível em grupo que ainda só outro dia veio ao plano da consagração, perder por menos bolas desde que cerrassem fileiras. Assim não fizeram. Nem quiseram! E ainda bem. Sempre, em todos os momentos, e mesmo na altura do empate, os elvenses buscaram o jogo, e ligar futebol, atacando no desencadear de todas as suas forças e energias. O Elvas não se limitou a ser, pura e simplesmente, um vencido. Foi também um bom vencido! O grupo sabe o que lhe cumpre fazer, e os seus deslizes devem ser tidos à conta de inexperiência.

Arbitrou o sr. Aurélio Fernandes, de Setúbal, e os grupos formaram: Benfica: Martins, Gaspar, Cerqueira, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito, Arsénio, Luz, Jordão e Rogério. Elvas: Semedo, Santos, Lucas, Ameixa, Rana, Alcobia, Moraes, Massano, Patolino, Aleixo e Quim.

Belenenses convence!

A verdade é só uma, e anda ao cimo de água. A defesa do Belenenses, forte, aprimada, dura e



unida, há-de necessariamente dar muitos triunfos ao seu clube. Já um dia denominámos os três homens com o seguinte dístico: «A muralha do Belenenses!» E' a pura verdade. Os avançados, por mais habilidosos e audazes, amolgam-se de encontro àqueles corpos de aço. Não é



segredo para ninguém que os avançados estão em permanente choque com os defesas. Sem dúvida, neste combate, é muito difícil a qualquer ataque sair do campo sem sentir os efeitos de uma defesa tão sólida...

Nos Arcos, tal parêntese defensivo decidiu o resultado. O que não quer dizer que os restantes jogadores não tenham cumprido — e de que modo! — a sua tarefa. Os dianteiros selbalenses revelaram, no começo da partida, certa timidez. Mas depois, pelo tempo adiante, acostumaram-se ao embate duro do corpo-a-corpo, conduzindo alguns lances muito bem.

Tendo a linha média belenense organizado razoavelmente todos os variados e emocionantes lances que esmaltaram o belo encontro disputado nos Arcos, o grupo lisboeta teve, como de tantas outras vezes, um ataque à altura do grande momento. Dir-se-á que o desnível de bolas não caracteriza o jogo, mas não há dúvida que os lisboetas aproveitaram excelentemente as oportunidades criadas.

O primeiro tempo disputou-se em toada de equilíbrio, luta vigorosa, avançadas alternadas e vários remates de força de parte a parte. Mas no segundo período, a luta aqueceu ao rubro, contagiando todos. É destes desafios em que se joga dentro e fora do terreno, arrendendo os nervos dos jogadores e das assistências. Quando a vitória lisboeta se começou a desenharem com nitidez, tal não quebrou o ânimo e a coragem selbalenses, visto que os rapazes do Vitória se lançaram ao jogo com extraordinário entusiasmo. Por momentos, a luta endureceu, e todos deram mostras de perder um pouco da necessária serenidade, vindo ao de cima, nessa delicada emergência, o sangue-frio e a epildão de Amaro, um extraordinário médio, para o posto de capitão. O Vitória, jogando bem, com ligação e ainda com entusiasmo, não esteve feliz no capítulo de remate, pois uma bola dentro das redes no início do combate e na abertura da segunda parte poderia ter marcado um destino diferente. O jogo é assim mesmo.

Juíz de campo: Paulo de Oliveira, de Santarém. Linha do Vitória: Idelécio, Pereira, Armindo, Pacheco, Pina, Figueiredo, Campos, Nunes, Rodrigues, Mendes e Cardoso Pereira. Belenenses: Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Coelho, Elói, Armando, Quaresma e Refael.

Guimarães impõe-se!

O Vitória começou agora a desfrutar da vantagem de alinhar no seu novo campo da Amorosa, um produto do querer do simpático clube de Guimarães! A estrela não podia ser mais auspiciosa. Os de Guimarães não só conseguiram vencer, e por um resultado que está certo, como ainda realizaram

um jogo superior ao seu adversário.

Como é que o Vitória conseguiu levar o melhor, em jogo e remate? — Ao acerto de todo o grupo, mas particularmente ao bom trabalho desenvolvido pelos médios-atas, que ligaram e fecharam o jogo, alimentando o ataque e socorrendo a defesa. O desafio comportou um aspecto fundamentalmente de energia, mas de tempos a tempos, e de parte a parte, desenvolveram-se motivos de saliente ofensiva, com predomínio do trabalho dos interiores.

O Boavista, que está cheio de moral, não se limitou a tarefa defensiva. Calu a fundo, desmarcando-se a sua linha dianteira com habilidade. Serafim, o jogador que dá nas vistas e que vem destacando-se, apoiou quase todas as descidas, reforçando o ataque português. No entanto, os rapazes do Boavista viveram-se dominados pela organização impetuosa e excelente do seu adversário.

A parte mais emocionante do encontro pode dizer-se a fase do fim. É que as bolas tenderam! E os locais viveram grande parte do encontro e coberto com uma vantagem que qualquer sopro poderia ter desfeito. Oscar comportou-se brilhantemente! Só no cair do encontro, nos dez minutos derradeiros, é que o Vitória consolidou o triunfo com uma segunda bola, logo seguida de outra. Ao chegar o ponto de honra do Boavista, todos o escellaram como um acto de justiça. Os grupos alinharam: Vitória de Guimarães: Machado, Garcia, João, Luciano, Curado, José Maria, Franklin, Miguel, Alexandre, Briso e Arlindo. Boavista: Oscar, Vinagre, Silva, Raimundo, Serafim, Ramos, Zeça, Abílio, Armando, Caetano e Gonçalves. Juiz de campo: José André Santos, de Coimbra.

Académica afirma-se!

A Académica está em busca da sua melhor forma. Tendo um início de prova fraco, na transição do torneio regional para o grande campeonato, a equipa afirma-se jornada a jornada. Seus componentes, já acostumados ao rigor e rapidez de uma competição em que todos os clubes afirmam a lâmina, começam a saber o que podem esperar do seu esforço de conjunto. Quando um deles se move — os outros já sabem perfeitamente como colocar-se. Não causa, portanto, admiração que, em grande parcela da primeira parte, a Académica tenha jogado mais tempo no campo do adversário (que, por sinal, não é do Oliveirense!), conjugando harmoniosamente as suas jogadas caracteristicamente de ataque. Bola captada, bola possada! Um ou outro *dribling*, como necessidade do lance concebido e a realizar, desmarcações rápidas e destrezas — tudo prenúncio e afirmação de bom jogo e de saber jogar. Os 2-0 a

Crónica da Semana

COMO era de presumir, o campeonato de Lisboa de andebol passou no domingo a ter apenas um comandante na classificação, precisamente aquele que reunia unanimemente votos de favoritismo.

O Desportivo «Cuf» prossegue na série de expressivas vitórias e não parece provável, embora a prova ainda vá no começo, que algum dos adversários venha a ser capaz este ano de lhe arrebatá-lo o título. A equipa desenvolve toada de jogo bastante agradável, com muita rapidez na linha avançada, cujos componentes são todos fortes rematadores, o que é uma grande força a pesar na balança dos resultados.

favor de Coimbra não mentem! São bem a afirmação de domínio técnico e territorial. Todas as tentativas oliveirense resultaram improdutivas. Felheram. Sempre um pé, no momento preciso, conseguia demolidas as pretensões...

No segundo tempo e no fenómeno tão conhecido e curioso de bola, o desafio deu a volta. É certo que, de um modo geral e apesar de tudo, os rapazes da capa e balina estiveram ainda melhor organizados. Mais fundo e experiência! Mas já por várias vezes se tem visto, e agora há a juntar a tantas mais uma, que muitas vezes o entendimento e a ligação, isto é, as qualidades que fazem verdadeiramente um grupo, são dominadas pelo coragem e pela vibração dos onze aguerridos que, em chameamento de todas as energias, se dão ao jogo com vigor e entusiasmo que empolga!

Este segundo período poderá dividir-se em dois tempos: um de equilíbrio, mais ou menos até metade dos quarenta e cinco minutos, e outro de reacção sugestiva e muito bela. Nesse momento, a sorte abandonou os rapazes do distrito de Aveiro. Com 2-1 tiveram o empate à vista, que não se realizou devido a um lance estupendo de Vasco. Para cúmulo, um pouco mais tarde, os estudantes construíram 3-1, e o problema ficou definitivamente resolvido nessa altura, apesar do Oliveirense batalhar com dano e sem desfalecimentos. A lanteira era justa. A Académica arrancou um bom resultado, visto as balizas de Aveiro estarem cada vez mais difíceis!

Dirigi a partida Vieira da Costa, do Porto. Alinhamento dos grupos. Oliveirense: Cemilo, Henrique, Serafim, Oliveira, Pinho, José Tavares, Zeça, João Tavares, Adelinho, Alípio e Armando. Académica: Vasco, Albino, Mário Reis, Brás, Aristides, António Marla, Ângelo, Azeredo, Garção, Leite e Bentes.

No entanto, a impressão geral que se colhe na apreciação dos jogos do campeonato, é de que em Lisboa se pratica andebol de inferior qualidade à classe que já se atingira; ou porque os antigos melhores elementos começam a acusar declínio e não encontraram, ou, melhor dizendo, não souberam criar quem os substituísse sem prejuízo; ou porque a forma dos conjuntos participantes no torneio não alcançou ainda o seu óptimo — talvez por falta de qualquer incentivo, como aquele que há um ano estimulou o brio dos jogadores lisboenses, a verdade é que o interesse desportivo dos encontros decaiu.

Crise que acreditamos seja passageira e cujo remédio infalível consiste na preparação de novos valores pelas equipas de juniores, preciosa fonte de recrutamento e aprendizagem da técnica de jogo. Esses rapazes subirão mais tarde às categorias superiores com bagagem que os seus predecessores — autênticos auto-didactas — não possuíam.

Acreditamos, aliás, que o abalo provocado por este período de renovação seja geral no País; os resultados do campeonato do Porto mostram-nos uma maior nivelção de valores, que não-é, com certeza, apenas por subida dos mais fracos; tivemos ocasião de assistir no domingo a um encontro entre dois grupos da 1.ª Divisão norte-nha, o Salgueiros e o Fontainhas, e qualquer dos competidores pratica tão mau ou pior andebol do que os grupos menos cotados da fangale lisboeta.

Dirigi esse encontro um mestre da arbitragem português; sinceramente — a ele próprio o disse — não nos convenceu nem satisfação o seu critério de julgamento de faltas e sobre o assunto conversaremos em próxima crónica, tanto mais que ficamos com a ideia de que as nossas considerações calaram no seu espírito, pois mudou de orientação depois do intervalo.

Fica para a semana.

José de Eça

A luminante

MATERIAL ELECTRICO
PARA TODAS AS
APLICAÇÕES

Avenida Almirante Reis, 6
LISBOA

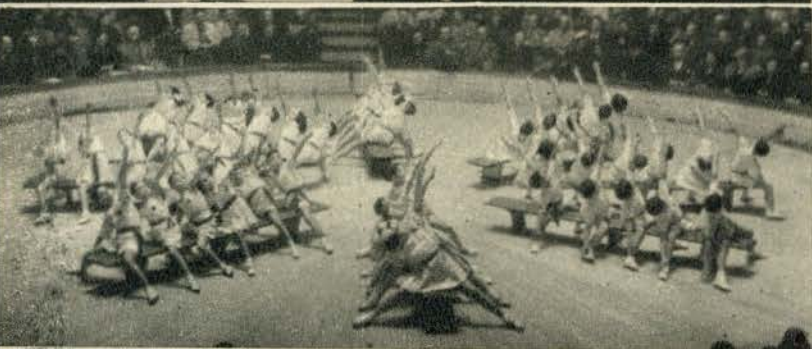
Ano IV — II Série

Lisboa, 16 de Janeiro de 1946

N.º 163

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Lisboa e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º — Telef. 51146 — LISBOA
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Execução Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA

O ultimo sarau do LISBOA GINÁSIO honorou as tradições do clube



ginástica revela beleza. Revela, indiscutivelmente, gosto desportivo, sabor estético, propósito de contribuir para a expansão da vida ao ar livre, para o desejo de gritar, a plenos pulmões, — que a Educação Física vale um mundo de saúde, de boa disposição, de graça e de frescura.

Nesta página, provocada por admirável apresentação do Lisboa Ginásio Clube no Coliseu dos Recreios, na semana finda, pode ver-se que tudo é assim. Que a alegria da ginástica representa a vida da pessoa humana. Que nada melhor para ser forte, dinâmico, distinto e desportivo.

Vimos, como em tela colorida, senhoras que representam uma escola, vários anos de trabalho insistente; crianças que abrem os olhos para a luz da vida; homens que há muito conhecem o valor da preparação física; rapazes que militam, desde a escola, nos campos de jogos.

A nossa Revista — esta «Stadium» que se esforça por bem cumprir, que muito se interessa por clubes ou regiões, — recorda nova iniciativa do Lisboa Ginásio Clube — o mais novo, mas por certo dos mais populares agrupamentos da especialidade, em Lisboa, em Portugal. Os assistentes deram-lhe palmas. Muitas palmas. Tantas que a grande sala pareceu contagiada, vibrando em todos os lugares, — gente do desporto, afinal, gente que aprecia a ginástica, os seus benefícios, — a sua alegria.

Várias fases se publicam nesta página. Pois nem precisam de legenda. Para quê? O leitor é cuidadoso, inteligente, e sabe vêr: — a harmonia das senhoras, numa série rítmica, num bailado puramente técnico; os homens em exibição forte, atlética; os jovens, na sequência de esquemas que foram excelentemente ordenados. E por quem? Ora por quem? — por Celestino Marques Pereira. Por seu irmão Alberto. Por um professor sueco. O Lisboa Ginásio, definitivamente — consagrou-se. Em honra da ginástica.

O BENFICA

venceu a filial de Elvas



Não parece o Benfica: — camisa branca, calção encarnado... No grupo está Marcel Cerdan, campeão da Europa, de box — que os encarnados homenagearam



Semedo, em arrojado mergulho, evita um avanço de Rosé



Outra boa defesa de Semedo, rodeado de colegas da equipe

Dirigentes do S. L. Benfica e do S. L. Elvas — bons amigos trocam recordações

A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA obteve nova vitória



O guarda-réde oliveirense, que por sinal é reservista, defende com valentia um remate do avançado-centro académico



De novo se vê em apuros a defesa do Desportivo Oliveirense. Neste lance, as redes não foram tocadas



Outra boa defesa do guarda-réde de Oliveira de Azeite, Camilo, que teve boa actuação

Vai reunir-se a Comissão de Intercâmbio

COM a equipa dos bilharistas portugueses que vão a Madrid disputar o encontro Portugal-Espanha segue o Inspector dos Desportos dr. Salazar Carreira, que vai tratar, em reunião da Comissão Permanente de Intercâmbio Desportivo, alguns assuntos de grande interesse para o programa internacional das actividades do nosso desporto.

Podem já considerar-se assegurados para a época em curso os encontros com os nossos amigos espanhóis, em futebol, no mês de Maio, em Lisboa; em atletismo, no princípio de Agosto, em Barcelona; em xadrez, em Espanha, mas com data ainda não determinada; em remo, provavelmente na ria de Marim, no mês de Agosto; isto além da presença de uma equipa de ciclistas portugueses, sem carácter de representação nacional, na Volta a Espanha, e da visita, nas mesmas condições, de um grupo de hoquei em palins à Catalunha.

Os representantes das federações reunir-se-ão ontem com o delegado português na C. P. I. D. para lhe exporem os problemas respeitantes que necessitem ser levados à reunião de Madrid. Mas o dr. Salazar Carreira leva consigo ainda uma incumbência de excepcional importância e projecção, pois lhe foi confiada uma mensagem de saudação do Presidente da Direcção da F. N. A. T. para o Director da Organização «Educacion y Descanso», pela qual o nosso Inspector dos Desportos é credenciado para estabelecer as bases possíveis de contacto desportivo entre os trabalhadores dos dois países peninsulares.

Aplaudimos às mãos ambas estes simpáticos projectos, que, além de estreitarem preciosos laços de amizade, rasgam largos e novos campos de acção à propagação da actividade desportiva.

A tarefa do Centro de Medicina Desportiva

OS relevantes serviços que o Centro de Medicina Desportiva tem prestado, no desempenho das suas funções fiscalizadoras dos praticantes do desporto, nunca serão demais apontados ao conhecimento público, que, na grande generalidade, os não aprecia com justiça. Os próprios dirigentes clubistas, quando se queixam da importância da contribuição exigida às suas receitas para manutenção do Centro, encaram o problema apenas pela faceta material, que lhes dói, esquecendo o outro aspecto social dos benefícios provenientes da acção do Centro de Medicina, que os devia preocupar muito mais.

Tivemos há dias oportunidade de verificar, pelo apanhado geral da actividade do Centro durante o ano recém-findo, quanto ali se

trabalhou e as vantagens desse trabalho consciencioso; alguns números recolhidos falam mais claramente.

Ao passo que em 1944 as observações efectuadas haviam sido 1216, durante os doze meses de 1945 realizaram-se 2020; a grande maioria dos exames de pertença aos jogadores de futebol, na proporção de 89%.

Estas observações, mercê dos recursos materiais de que dispõe o Centro para completo esclarecimento dos médicos, permitiram encontrar lesões impeditivas da prática do desporto em indivíduos que, sem elas, continuariam em actividades ruinosas, porque o seu mal não era descortinável pelos meios simples de exame clínico usual.

Seria óptimo se nenhum desportista pudesse praticar qualquer modalidade sem prévio exame no Centro; as circunstâncias não o têm permitido, mas para lá se caminha, como o demonstra a recente determinação da Direcção Geral de Desportos, tomada de acordo com o director de serviços do C. M. D., e que proíbe a inscrição de seniores na Associação de Atletismo de Lisboa sem o certificado de aptidão passado pelo Centro.

O procedimento da Federação Suíça

DIZEM da Suíça que a equipa nacional de futebol já não retribuirá este ano a visita que, sem olhar a dificuldades nem a sacrifícios, lhe fizeram em 1945 os jogadores portugueses; e isto porque não houve acordo para que os helvéticos também jogassem de passagem em Espanha.

É caso para perguntar: que teremos nós a ver com isso?

A ligeireza de procedimento da Federação Suíça, que por certo será devidamente ponderada, em caso de novas negociações, pelos dirigentes do nosso organismo superior do futebol, torna patente ao nosso espírito quanto é grande a distância que separa por vezes o sentido das calorosas afirmações orais de amizade, da realidade material dos factos e, também, a conveniência de assegurar para de futuro — por termos de responsabilidade, ante uma entidade superior, que poderá ser a F. I. F. A. — o respeito pelo cumprimento das promessas feitas ao estabelecer-se qualquer acordo com múltiplas responsabilidades.

Supomos, com a certeza de supor exacto, que a Federação Portuguesa, para satisfazer o insistente convite da sua congénere suíça, assumiu pesados encargos sem compensação imediata, mas que legitimamente julgou cobertos pela garantia de retorno de visita, na época em curso, da equipa suíça. Se ela agora não vem, sob pretexto peregrino, cumprir a combinação celebrada, deixa-nos perplexos ante a interpretação a dar à sua atitude. Não haverá possibilidade de encontrar, em recurso, a intervenção de qualquer poder mais

O BRADO DO SEU PRESIDENTE MERECE SER OUVIDO

O clube precisa imediatamente de um campo de jogos...

Casa Pia Atlético Clube merece as honras da simpatia entre o grupo esforçado dos clubes que animam a segunda divisão do futebol lisboeta. Tem tradições. Dignas tradições, laureadas por um belo ideal, que é a razão de ser deste clube — um traço de ligação entre a vida de meninos, estudantes do prestigioso instituto de educação, e a vida que

alto, que chame à realidade do dever aqueles dirigentes fantasistas que consideram assim bons os sacrifícios alheios quando lhes aproveitam, mas esquivam depois o que possa envolver sacrifício próprio?

A Volta à França em bicicleta

CHEGOU a ser anunciado nos jornais portugueses, em telegramas de proveniência estrangeira, a organização em 1946 da famosa Volta à França em bicicleta, prevendo-se até a possibilidade de participação de corredores portugueses.

Depois, veio o silêncio, deixando pairar uma dúvida, mas agora podemos afirmar que a grande competição se não celebrará ainda este ano.

Fomos há dias apresentado ao jornalista francês Poirier, que se deslocou a Lisboa para assistir ao combate do pugilista seu compatriota Cerdan; por seu intermédio soubemos que a Volta se não fará em França, como consequência da suspensão do jornal «L'Auto», que sempre fora seu organizador; nenhuma outra entidade ou empresa particular lhe quer tomar a sucessão, respeitando uma tradição que poderá relomar o seu curso logo que seja resolvida uma situação que todos esperam apenas transitória.

No entanto, disse-nos o mesmo abalizado informador, aventa-se a hipótese de inclusão da Volta à França no problema oficial federalivo, isto é, passaria a prova a ser organizada pela própria União Velocípédica, sem características comerciais.

Esta solução daria, evidentemente, à corrida, ainda maior realce, mas não lhe antevemos forma de viabilidade; uma empresa de tamanho vulto não pode prescindir do apoio comercial, seja por que forma for, tão grandes são as suas despesas.

Se a União Velocípédica Francesa pensa realmente apropriar-se da antiga iniciativa de «L'Auto», tenhamos a certeza que o fará em moldes de aproveitar também os benefícios do seu enorme valor como agente de propaganda.

anos depois os recebeu, com todas as suas lutas e trabalhos. As características do Casa Pia Atlético Clube são, assim, diferentes das dos outros clubes de desporto. Servem uma causa — moral e desportivamente. Ligar pela vida fora os antigos alunos ao redor de uma actividade desportiva e associativa, agradável e de boa camaradagem. Que o Casa Pia não serve só para jogar a bola! Em íntima ligação com os seus princípios, numa mistura honrosa com a sua bandeira, o clube deixa claramente apreciar as suas simpáticas funções sociais — o pensamento constante nos claustros históricos dos Jerónimos e nessas centenas de rapazes que à Casa Pia de Lisboa vão buscar o «seu dia de amanhã».

E' pena que o Casa Pia Atlético Clube não possa impor-se com a força e a grandeza que merecia e junto dos outros clubes da capital. E devia ser assim. Mas as preferências do desporto fazem esquecer. O caspiano de hoje já não é, desportivamente, e primeiro do que qualquer outra simpatia, Casa Pia Atlético Clube? Não sabemos responder...

No entanto, o clube continua na sua missão, agarrado heróicamente aos princípios que lhe deram vida.

Com estes pensamentos e uma sincera simpatia, entrámos na sede dos caspianos. Todos os que ao desporto andam ligados têm de sentir um certo respeito ao atravessar as salas daquele andar do Largo do Conde Barão. Existe ali muito do que foi acontecimento de prestígio no desporto de há uns anos. Os factos ficam bem presos à origem que os revelou. Pensa-se no Casa Pia e os apontamentos surgem a lembrar-nos as brilhantes tradições do clube no desporto português. Nomes e factos de valia. Lembrem-se, quando, em 1921, o Casa Pia se deslocou a Paris?...

— Como está o Casa Pia actualmente? — perguntámos ao sr. António Gomes Marques, seu presidente da Direcção.

— Vive, apesar de tudo, agarrado aos seus ideais e princípios, que, de resto, são a sua coroa de glória. O clube apareceu com uma finalidade digna, honrosa, com uma razão de ser diversa da de todos os outros. Por ele vive e se há-de bater até ao último momento. No desporto, procuramos prestigiá-lo, saudavelmente, com verdade e boa intenção; na vida associativa honramos um passado, significamos o sentido belo da camaradagem. Se todos bem compreendessem o valor e a força destes dois elementos — grande e verdadeiro clube de desporto seria o Casa Pia Atlético Clube!

— Mas o Casa Pia ressurgiu um pouco? — insistimos.

(Continua na página 15)

a vida desportiva POR ÊSSE MUNDO FORA

A Ciência em geral tem contribuído por vários modos a favor do progresso da causa desportiva, quer facilitando a prática dos jogos atléticos pela melhoria das condições materiais, quer estudando no Homem as suas reacções orgânicas — prejuízos e benefícios — do exercício físico.

De dia para dia, a Medicina Desportiva abraça mais largo sector da sua fecunda actividade, algumas vezes sob o aspecto preventivo, noutras, curativo. A Engenharia especializa-se em fabricar estádios monumentais, de pistas suaves como superfícies polidas ou, então, moleros vigorosos e perfeitos como relógios magníficos. Rara é a faceta da actividade humana que não tenha contribuído já para benefício desse importante factor de progresso que se denomina DES-PORTO.

Actualmente estuda-se em Inglaterra um problema de certo modo original e extravagante. Têm desta vez a palavra os electricistas, debruçados sobre o caso, que exige particular solução.

No dia 5 do corrente deixou de se realizar um match sensacional de rugby entre as equipas representativas da Escócia e da Inglaterra. A última hora, quando havia cerca de 15.000 libras de bilhetes vendidos, houve cancelosa necessidade de se cancelar o jogo porque a relva do terreno, coberta de gelo, estava absolutamente impraticável.

Logo o espírito esclarecido dos dirigentes britânicos procurou acautelar-se contra futuras contingências semelhantes. Uma empresa importante, que fabrica cabos condutores de transporte de energia eléctrica, lembrou-se de cobrir os campos de futebol com uma rede de fios metálicos — verdadeiras resistências helicoidais — enterrada no solo a 6 polegadas da superfície e espaçadas de 1 jarda, a todo o comprimento do terreno. O custo total da montagem orça por 300 libras.

Os técnicos têm efectuado experiências em jardins particulares, no Colégio de Agricultura, de Reading, etc., e afirmam que, pelo menos, a montagem pode resistir uns dez anos sem ser renovada.

Por meio de uma alavanca conjuntora-disjuntora poder-se-á ligar a corrente eléctrica, manobrando-a a distância, isto é, em qualquer momento e lugar.

Eis aqui, prezado leitor, uma novidade bem útil para os desportistas friorentos da Albion. As quedas sobre o terreno aquecido devem parecer-lhes suaves e apertadas. Só resta agora, para completa solução do problema, conseguir a refrigeração subterrânea dos campos por tempo calmoso, quando arde a sola das bolas e o chão reflecte calor como um espelho.

Rafael Barradas

RUGBY

Bristol e Cardiff empatam na bola ovóide

AS equipas de Bristol e Cardiff encontraram-se mais uma vez em terreno relvado para resolverem um match de rugby. Até 5 minutos do final, Bristol conservou vantagem de uma penalidade (3 pontos) e seguro o resultado com toda a gana. Entretanto Jones captou a bola e veio numa corrida louca, de cerca de 80 metros, durante a qual evitou todos os antagonistas, marcar um ensaio a meio dos postes.

Cardiff jogou sem Matthews e Williams, seleccionados para o desafio contra a Austrália, mas aguentou-se bem contra os excelentes avançados de Bristol.

No mesmo dia, Newport conse-

guiu obrigar os australianos a um empate, também de 3 pontos em cada marcador. Os Kiwis jogaram abaixo do seu valor habitual e decepcionaram o público.

O Exército Neo-Zelandês derrota Gales

CONTRA toda a expectativa os Kiwis derrotaram Gales por 11 pontos a 3. Até 17 minutos do final os galenses mantinham vantagem de 3 pontos a zero, mas uma série de incidentes, entre outros a fuga de Sherratt durante 70 metros, e certas penalidades, transformaram o triunfo eventual numa sensível derrota.

A equipa nacional francesa vence um «quinze» inglês

EM Paris, a França derrotou por 10 pontos a 0 o grupo de British Empire Services. Apesar do seu domínio efectivo, o jogo não agradou.

Em Cognac, o grupo representativo local derrotou Cardiff por 19 pontos a 18, depois de magnífica exibição.

TÉNIS

A Taça Davis

PARECE que a famosa saladeira será disputada em 1946 por 4 nações do hemisfério ocidental: Cuba, México, Canadá e Estados Unidos. Da Europa concorrem a Inglaterra, França e Suécia. Dos antípodas, a Austrália. Em resumo, apenas um torneio de ensaio sem grande relevo.

Uma prometedora raquete

NASCEU uma estrela no firmamento tenista inglês. Chama-se Patsy Rodgers e tem apenas 17 anos. Inscrita nos torneios do Junior Lawn-Tennis Clube da Grã-Bretanha, chegou facilmente às finais das duas provas (singulares) reservadas a raparigas com menos e mais de 18 anos.

Na primeira, reservada às jogadoras menores, venceu Miss Andy Ross-Dilley por 6/2, 4/6 6/2, mas sucumbiu perante a experiência de Mrs. Pearl Panton, por 2/6 e 6/3, 6/1 na competição sénior.

XADREZ

Brilhante vitória de Rey Ardid

REALIZOU-SE em Madrid, patrocinado pelo duque de Alba, um torneio-relampago entre os cinco melhores xadrezistas espanhóis. A vitória coube ao conhecido Dr. Rey Ardid, sem derrotas, seguido de Medina e do veterano Golmayo. Na cauda da classificação figuram Sanz e Arturito Pomar. Este ultimo acusou certa fadiga e esteve longe da sua habitual mestria.

Rey Ardid, o mais representativo jogador espanhol e decerto o de melhor classe, confirmou a sua capacidade terminando invicto.

FUTEBOL

O Sevilla deixou de acompanhar o Oviedo

Na última jornada do campeonato de Espanha produziu-se um resultado sensacional: — a derrota do Sevilla, frente ao Celta de Vigo (4-0). Deste modo, o Oviedo, que bateu dificilmente o Alcoiãno (3-2), tomou a vanguarda da classificação.

Eis os resultados:

Madrid-Castellón...	4-0
Celta-Sevilha.....	4-0
Hercules-Gijón.....	2-1
Barcelona-Espanhol	1-0
Oviedo-Alcoiãno....	3-2
Murcia-Aviación....	0-0
Valência-Bilbau.....	1-2

De notável, também, a vitória do Barcelona sobre o Espanhol, o empate do Murcia e do Aviação, e a derrota do Valência no seu próprio campo, com o Atlético de Bilbao.

Depois desta jornada, a classificação dos melhores é a seguinte:

Oviedo.....	21 pontos
Madrid.....	20 »
Barcelona....	20 »
Sevilha.....	19 »
Valência.....	17 »
Gijón.....	17 »

Condições de assinatura

Custo por número..	2\$00
3 meses, Esc. . . .	26\$00
6 » »	52\$00
12 » »	104\$00

Beni Levi empata com Teo. Gonzalez

Crítica de RAFAEL BARRADAS

O pugilismo abriu o ano de 1946 apresentando-se num espectáculo cujo brilho desportivo foi escasso para valer encómios.

Desde Outubro lindo, estabeleceu-se largo interregno, sem causas naturais, e o facto é que o publico manifesta quebra de interesse apreciável e perfeitamente compreensível. Todavia, o Coliseu teve bastante público a assistir a um programa pouco promissor, por se tratar de figuras am tanto o quanto gastas e pouco entusiasmadas.

O combate principal, entre Beni Levi e o espanhol Teodoro Gonzalez, foi um tanto frouxo. O ídolo popular parece haver perdido o seu melhor impulso dinámico, sem ter, em contrapartida, ganho o que fosse de ciência boxística. Ao mesmo tempo, verificámos mudança no seu aspecto físico, adelgado em demasia, quicá menos robusto e atlético. O «novo» Levi parece um homem envelhecido precocemente. Move-se, ainda, pelo «ring» fora com ligeireza, mas continua ignorando absolutamente o ABC da táctica e da técnica do combate. Dizer isto acerca de um recente e famigerado campeão nacional pode parecer petalância. Não o é. Apenas para verdade.

A análise do pugilista

Levi guarda-se muito mal. O braço esquerdo, demasiado flectido, não constitui a «patralha de exploração» indispensável para o ataque nem o «posto de vigilância» essencial para a defesa. Desde modo, Levi é obrigado a parar os golpes muito cerca do seu físico e quase sempre escasseiam-lhe espaço e tempo para o fazer. Deverá avançar mais o punho esquerdo e esconder o queixo sem affectação atrás do deltóide do mesmo braço, para não ser surpreendido com ataques bruscos, isto é, sem linta preparatória.

Além deste defeito técnico, Levi possui outros igualmente notáveis, que demonstram *irrefutavelmente* jamais ter tido um verdadeiro mestre, ou nada ter aprendido, se o teve.

Qualquer boxador de relativo mérito não ignora que os golpes sem preparação e lançados de longe raramente acertam. É preciso compor, como na esgrima de espada, uma série de acções para poder aplicar um dois socos bem em cheio. A mais elementar frase é o binário «um-dois!», constituído pelo directo da esquerda, ou pelo *jab*, e seguido logo do soco curvo (em *hook* ou *uppercut*) da direita. Levi raramente faz isso e o *triplo*, as combinações múltiplas com golpes e esquivas, verdadeira alta-escola do jogo, são-lhe totalmente desconhecidos...

Mas o que nos causa verdadeiro pasmo é a sua ignorância do terreno que pisa. Tem extra-

vagante predilecção pelos cantos do «ring», preferindo encarralar-se neles e aguardar aí o adversário do que fazer precisamente o contrário: obrigar este a ir até ao canto, onde as cordas reduzem o espaço e a capacidade de manobra.

O que foram os combates

Levi foi batido por pontos, não restem dúvidas no caso, mas por escassa diferença e abaixo do seu merito normal.

Conservou-se sempre na defensiva e raras vezes atacou de veras. Quando o fez, no quarto assalto, o publico aclamou-o fortemente. Os primeiros rounds couberam a Gonzalez, francamente. O terceiro foi quase equilibrado. O 4.º pertenceu a Levi, que perde o 5.º mas domina no 6.º. O 7.º foi duro e Levi sofreu algum castigo manifestando cansaço. O 8.º pertenceu ao moçambicano, por escassa diferença, mas no 9.º e no último a vantagem acentuou-se.

No conjunto, o pugilista espanhol demonstrou melhor ciência e combatividade, acumulando maior soma de pontos. O empate não traduz, quanto a nós, o mérito relativo dos dois homens.

A arbitragem de Araújo bastante boa e, quanto à sua decisão, divergimos sem desprimor. Trata-se dum problema subjectivo, que difficilmente se discute quando a diferença de valor entre os pugilistas é escassa.

O combate de *meio-fundo* salvou o mérito da velada, porque Tino Clavari é um pugilista real, conhecendo o boxe-esgrima como se deve praticar. Diante de Augusto de Sousa, mais amarelado e lento que de costume, vim-lo bater a distancia com ambas as mãos, ao tronco e na cara, profusamente. Desde o 6.º assalto fatigou-se e terminou quase estafado. Mas até lá, que excelente lição!

A vitória por pontos foi das que não devem discutir-se e a maioria do publico assim o compreendeu. Sousa esteve longe de se mostrar o mesmo homem que derrotou Larzen, Figueiredo, e fez com Llacer excelente pagna. É que a vida dum pugilista profissional exige certos sacrificios um tanto ou quanto difíceis...

Os dois outros *matches* da noite merecem escasso reparo. Diamantino Gama, ex-bomba atómica, não se mostrou melhor, antes pior, que dantes e Kid Santos é um moviço cheio de boa vontade. O empate entre ambos confirma a péssima classe de Gama, sem alinhar progressos do pupilo de Clavari.

A abrir a sessão, Licínio Passos desfez-se de Rocha 2.º. Abandonou um tanto prematuro e inexplicável ao 5.º *round*, mas o árbitro não desclassificou o vencido, como lhe cabia, aceitando a sua desistência.

Qu public Portugalais en les remerciant de leur chaleureux accueil
Marcel Cerdan

Marcel Cerdan

Novo Rei do K. O.?

Guedes-Cerdan

A fulminante vitória de Marcel Cerdan sobre Agostinho Guedes, executada em 2 minutos e 45 segundos de batalha, constituiu amarga e glacial decepção para o publico lisboeta.

Esperava-se mais do vencido. Uma vantagem categorica difficilmente se cria, mas uma resistencia duradoura e honrosa, com certeza. Infelizmente, não succedeu assim. Com celeridade de ciclone, o campeão europeu demollia o antagonista de maneira impiedosa e definitiva. Vinte socos e duas quedas bastaram.

Guedes possui algumas atenuantes, de valor aparente sobretado. Tem muito pouca experiencia de «ring», esteve inactivo durante um prazo de tempo muito longo e a sua preparação previa foi escassa. Mas Cerdan sabia ao tablado sem treino especial e todos nós sabemos que os profissionais raro se encontram destreinados em absoluto, porque tal estado é incompativel com as suas conveniências e necessidades!

Por outro lado, Agostinho Guedes possuia vantagens de ponderar: oito quilos de músculos a mais, cajos eiteos poderiam constituir obstáculo serio, e uma diferença de estatura e comprimento de braços importante.

Nada disto lhe valeu. Iniciou a peleja movimentando-se, mas sem plano de batalha previo, bem elaborado. Psicologicamente principio vencido, talvez procurando durar, mas era-lhe indispensavel outro rumo para conseguir esse fim.

No momento em que o árbitro acabou de pronunciar a palavra «dez!», Guedes estava de pé e capaz de prosseguir na luta. Em condições fisicas de resistir? Sem dúvida!

Um homem duramente tocado e justamente tocado no ponto sensível, não se apresenta alerta e seguro dos passos que dá. E Guedes não titubeou ou cambaleou ao erguer-se...

Estava, sim, derrotado moralmente, convicto da sua inferioridade e da inutilidade do esforço.

Não fora fulminado, mas demolido no seu interior. Neste por menor—a confiança em si mesmo e nos seus recursos físicos—é que fracassou e todos fomos deiraadados.

Cerdan não é um científico na para accepção do termo. É um Jack Dempsey em miniatura, terrivelmente martelador. Fisicamente dum fortaleza invulgar—tem o arco-boço de um peso meio-pesado—boxa a distancia com velocidade felina, collocando golpes justos nos sitios exactos. Francamente, gostaríamos de o ver combater alguem que lhe sobresse dar réplica, mas na Europa é difficil achar adversário à altura.

O que foi o combate

Guedes saia do canto escondido atrás das luvas e girando rapidamente no meio do «ring». O irancês, bem guardado, tomara uma attitude ofensiva com os punhos levantados e pronto a atacar. O português descobre-se por instantes, empregando a esquerda em directo, e Cerdan vai-lhe em cima com um soco largo da esquerda ao alto da cabeça. O português é visivelmente sacudido e perde a guarda.

Quatro golpes successivos expedem-no ao solo; o árbitro conta até ao 9.º segundo.

Reatada a luta, Guedes procura investir com Cerdan, applicando-lhe nos flancos alguns socos, mas é levado até às cordas e encaixa daros golpes curvos, certos, no maxilar. Tomba apparatusmente de costas e reatoma a posição de joelhos; o árbitro conta «dez!» no momento em que ele se ergue.

A luta está terminada.

O que disse Agostinho Guedes

Interrogado, o campeão nacional disse-nos o seguinte: «Embora abalado, eu estava capaz de prosseguir. O barulho ensardecedor do publico não me deixou ouvir a contagem do árbitro, e julguei levantar-me ao 9.º segundo... Estou convencido que

(Continua na página 15)

Há resposta para tudo...

P. 265 — Sendo adepto do Futebol Clube do Porto, e grande admirador de Gomes da Costa, rogo o especial favor de me informarem qual o motivo por que este bom jogador não tem alinhado pelo clube azul-branco! (De J. F. Alves de Moura, de Castelo de Paiva).

R. 265 — Gomes da Costa nunca morreu de amores pelo futebol.

P. 266 — Não será Francisco Ferreira um dos melhores médios-esquerdos do mundo? (De um benfiquista de Espinho).

R. 266 — V. tem uma imaginação ardente...

P. 267 — O Vasco da Gama, importante clube do Brasil, jogou alguma vez no Porto? (De J. T. de Fomalicaço).

R. 267 — Jogou dois encontros. Ganhou por 3-1 e perdeu por 2-1, ambos contra o Futebol Clube do Porto.

P. 268 — Porque não convidam Mourão para treinador do grupo de honra do Sporting? (De M. Silva, uma sportinguista ferrenha).

R. 268 — Está lá outro leão como treinador, o dr. Abrantes Mendes.

P. 269 — O Boletim que o Sporting publica é distribuído só particularmente à sua massa associativa, ou será enviado também a qualquer adepto logo que este o deseja? A sua distribuição é gratuita ou por assinatura paga? (Um leão transmontano, de Meação Frio).

R. 269 — O Boletim é distribuído aos sócios pela importância trimestral de \$300. Dirija-se à Direcção do Sporting, que ela denegará satisfazer-lhe o pedido. Quanto ao Album, deve ter sido ideia morta à nascença.

P. 270 — Um vizinho meu afirma que houve um jogador, de nome Loureiro, que jogou no Sporting, e que era, segundo ele, o mais extraordinário dominador do esférico. Teime! que não. Quem tem razão? (De T. A., de Alcácer do Sal).

R. 270 — Loureiro tinha um domínio de bola que provocava espanto. Tem razão o seu vizinho.

CORRE QUE...

Em vésperas de eleições, a maré está agitada nos principais clubes.

✦ Antes da assembleia geral do Sporting foram convocados trezentos sócios para uma reunião preparatória.

✦ O acordo entre as correntes sportinguistas é sumamente difícil.

✦ Também no Benfica cada vez se mantém mais vivo o desacordo entre as duas correntes.

✦ No Benfica há duas listas. Na apresentada pela direcção figuram o sr. Félix Bermudes como presidente da Direcção e o sr. major Ribeiro dos Reis como pre-

sidente da assembleia geral. Na da opposição e nos já referidos lugares, respectivamente, os srs. Manuel Afonso e brigadeiro Tamagnini Barbosa.

✦ A luta também é acesa em várias associações distritais. Por exemplo, em Coimbra, uma das facções não tinha o número de listas correspondente aos votos, e foi vencida por essa circunstância. Não tendo, no entanto, vários eleitos, tomado posse dos seus cargos, deverá realizar-se nova assembleia geral para eleger os directores.

✦ As eleições nas associações distritais são efectuadas no abrigo do novo estatuto.

o MUNDO da BOLA

pele JORNALISTA desconhecido

VÊM A LISBOA

famosos jogadores da Inglaterra

ESTA definitivamente assegurada a realização do encontro de futebol entre o famoso grupo da R. A. F. e a selecção militar portuguesa. Dentro de poucos dias veremos, portanto, irrepresentavelmente fardados, nas ruas de Lisboa, jogadores conhecidos, como, por exemplo, Fernando Peyroteo e Francisco Ferreira. O produto da receita líquida do jogo destina-se à Cruz Vermelha Portuguesa, à Colónia Balnear Infantil de «O Século» e à R. A. F. Benevolente Fund.

O grupo que nos visita a 17 de Fevereiro é constituído pelos melhores jogadores dos clubes profissionais ingleses: nomes de grande categoria, tais como Mercer, médio-esquerdo do Everton; Swift, guarda-redes do Manchester; Matthews, do Stoke City; Lawton, do Everton, e recentemente transferido para outro clube por uma soma fabulosa; Muller, do Wolverhampton; Seuton, médio-centro do West Hana, e outros.

Os mestres do futebol defrontarão uma selecção militar portuguesa constituída pelos melhores jogadores do nosso país, pois todos eles são militares ainda dentro das classes efectivas, que vão até o limite dos vinte e sete anos de idade.

Foi encarregado pelo Ministério da Guerra de organizar o grupo militar o conhecido crítico da especialidade major Ribeiro dos Reis, que trabalhará de comum acordo com o seleccionador Tavares da Silva, que ocupa junto da organização, a Cruz Vermelha

e a Colónia Balnear o cargo de delegado técnico da Federação Portuguesa de Futebol.

O treino de hoje e o que se projecta para 31 de janeiro — grupo nacional contra selecção do Porto — servem esplendidamente a ideia da constituição do team do Exército Português, que fará um estágio, na semana que antecede o domingo do grande encontro, nos arredores de Lisboa.

Podemos assegurar que entre os dois técnicos nacionais já foi traçado um plano de trabalhos, e que o grupo será definitivamente designado após o desafio-exibição de 31 de Janeiro, no Estádio do Lima. Provavelmente, a oportunidade deve aproveitar-se para várias experiências relativamente à selecção portuguesa. Não constitui segredo para ninguém que, em determinados postos, importa arranjar substitutos à altura dos actualis titulares, que, tendo uma valiosa contribuição no futebol português, não poderão, evidentemente, viver eternamente para o jogo. O encontro R. A. F. — Exército Português vai ficar memorável na história do nosso futebol. Poderemos também formular um juízo definitivo sobre o que cumpre fazer em relação aos annunciados jogos com a Espanha e França.

Conta-gotas

No meio do futebol português, um dos aspectos que enrava muitas vezes a evolução ou a boa resolução dos assuntos é a susceptibilidade dos indivíduos. Todos se julgam os mais aptos, os mais competentes e os mais indicados para todas as funções e tarefas. Ainda os mais importantes. Quem trabalha vê-se na complicada posição de respeitar essas susceptibilidades — se quiser produzir alguma coisa de útil. E não se aborrecer!

✦ Há jornalistas de especialidade, ou, melhor, indivíduos escrevendo em jornais, que fazem esforços inauditos para que o meio dê pela sua presença. Tais pessoas julgam que o processo mais corrente e próprio para adquirirem popularidade e prestígio é beliscarem continuamente o prestígio dos outros, ou a situação que os outros conquistaram pelo seu trabalho e pela sua capacidade. Enganam-se redondamente, porém!

Quem assim procede — continue a ser ignorado. E assim continuará pelos tempos adiante!

✦ Estranho-se muitas vezes que haja divergência de opiniões entre os críticos e técnicos acerca de determinado encontro e do trabalho realizado pelos jogadores.

Vários pessoas, impensadamente, para atribuírem certa de incompetência à crítica especializada, costumam dizer: *Vá lá a gente perceber isto. Um diz uma coisa, e o outro afirma coisa diferente!*

Se o adepto analisar bem, verá que, na maioria dos casos, essa discordância é mais aparente do que verdadeira. Muitas vezes a explicação da discordância está na forma de dizer a mesma coisa.

A Selecção portuguesa

treina hoje no Estádio Nacional

TENDO sido dada sem efeito a realização do Portugal-Suíça, de futebol, e estando previstos para Abril próximo os dois encontros internacionais a disputar esta época, Tavares da Silva, o seleccionador nacional, resolveu começar hoje, praticamente, os trabalhos de formação e preparação do grupo nacional.

Para este primeiro treino, que se efectua no Estádio Nacional, foram convidados os seguintes jogadores, que alinharam pelos lugares que desempenham e não pela sua filiação clubista, de todos conhecida:

Guarda-redes — Azevedo, Capela, Valongo e Marlins.

Defesas — Feliciano, Manuel Marques, Cardoso, Elói, Vasco e Guilhar.

Médios — Amaro, Mateus, Moreira, Francisco Ferreira, José Lopes, Serafim (Belenenses),

Barrosa e Serafim (Boavista); Avançados — Moreira, João da Palma, Peyroteo, Quaresma, Catolino, Mário Coelho, Elói, Cabrita, Salvador, Rafael, Lourenço (Estoril), Araújo, Arsénio, Correia Dias, Teixeira e Albano.

Serão organizados dois Mistos, mas só depois da jornada do próximo domingo é que o seleccionador dará a conhecer o grupo a apresentar, oficialmente, a 31 de Janeiro, no estádio do Lima, contra o grupo representativo da Associação de Futebol do Porto.

Ao treino de hoje, como ao desafio que se disputa no Norte, assiste o sr. major Ribeiro dos Reis, que, em colaboração com Tavares da Silva, organizará o team que defronta a R. A. F. A selecção portuguesa continuará a treinar metódicamente, após o desvio provocado pelo desafio contra os ingleses.

ARSENÍO *uma esperança* do BENFICA

A

RSÊNIO, o interior direito de grupo de honra do Benfica, que ultimamente se tem imposto pelas suas exhibições, é uma figura modesta de jogador. Na sua biografia pouco há ainda que anotar. Começou na época de 1941-42 nos júniores do Barreirense, — Arsênio é natural do Barreiro, onde ainda vive — chegando com o «team» à meia final do campeonato desse ano. Em 1942-43, já no primeiro grupo do clube de origem, foi campeão nacional da 2.ª divisão, resolvendo nessa altura não jogar mais... No entanto, para não perder o getto, ia até ao campo do Vitória, de Setúbal, e aí dava uns pontapés na bola...

— Não que eu pretendesse jogar no campeão setubalense — disse-nos Arsênio numa destas manhãs, após ter terminado o seu treino no Campo Grande.

— Então como veio até ao Benfica?

— Amigos do Barreiro, que eram benfiquistas, trouxeram-me até ao popular clube. Não me desagradou a idéia e... fiquei. Alinhei na época 1943-44 e o Benfica ganhava a taça Portugal; na época seguinte, ou seja o ano passado, fui campeão nacional.

Verifica-se, que Arsênio tem conquistado lugares de categoria. Voltará este ano a ser assim?

— Estou muito esperançado — diz-nos. — O grupo, um pouco fraco no campeonato de Lisboa, melhorou muito. O actual torneio vai permitir que os «encarnados» demonstrem que são os melhores do mundo. É só preciso um bocadinho de boa vontade de todos, e pronto...

— V. é «muito Benfica»?

— É certo. Estou no clube com muito prazer. Gosto do Benfica, e não penso em despir tão cedo a camisola do mais popular dos clubes portugueses. De resto foi no Benfica que me formei jogador da bola. Quando ingressei no grupo trazia só a minha habilidade. Tudo o resto devo-o a Biri. Mais de metade do que sei hoje foi-me ensinado pelo nosso treinador.

— Porque joga umas vezes francamente bem e outras mal?

A pergunta coloca Arsênio num momento difícil.

— Quanto a mim, isso acontece. Sucede tanta vez nós empregarmos-nos a fundo e sair-nos tudo tão mal...

— Prefere fazer jôgo sobre o lado esquerdo?

— Já me têm apontado esse pormenor, mas não é bem assim. Jogar para o lado esquerdo é talvez melhor; mas jogo mais sobre a direita. A ligação de jôgo com o Teixeira dá resultado mas gosto também de colaborar com o Mário Rui.

— O lugar que ocupa é o seu predilecto?

— A não ser a interior direito, não gosto de outro.

— Que clube gosta mais de ter por adversário?

— O Sporting. Depois o Belenenses. O Sporting é o grupo a quem mais gosto de ganhar.

— Que jogos lhe parecem neste «Nacional» mais difíceis e mais fáceis?

— Devem ser os que disputarmos com o Sporting e Belenenses. Os mais fáceis, a avaliar pelo que tem acontecido, parecem ser os que havemos de jogar com o Oliveirense.

— A que atribui a modificação no grupo do Benfica, depois da «campeonato de Lisboa»?

— São altos e baixos a que estão sujeitos todos os grupos de futebol, mesmo os melhores, como o Benfica. No entanto sempre darei uma opinião. As aulas de ginástica, dirigidas por Fernando Ferreira, foram de grande benefício.

— V. com os seus 20 anos e a compreender que tem habilidade para o futebol, tem aspirações?

— Gostaria de ser internacional. E por enquanto estou convencido que posso ter essa aspiração. Não hei-de ser internacional, porquê? Esta pergunta faço-a muitas vezes a mim próprio...

E digo-lhe, sinceramente — jôgo à bola com esse constante pensamento.

— Gosta muito do futebol?

— Imenso. Parece-me que só futebol me interessa. Gosto de jogar e de vêr jogar. Sou sempre dos primeiros a chegar ao campo para aproveitar o jôgo que se disputa antes.

— Qual o jogador que mais aprecia?

— É mais do que um: Azêvedo, Pinga, Amaro e Quaresma.

— No Benfica?

— Todos me agradam. É um grupo onde reina grande confiança um nos outros.

— Não pratica outros desportos?

— Só futebol. Foi sempre o meu desporto predilecto. Nenhum outro me interessa.

— Em que se distrai?

— Indo ao cinema, de que sou um entusiasta, e jogando às vezes uma partida de bilhar.

Não fizemos mais perguntas. Deixámos Arsênio seguir livremente para o Barreiro — para onde foge assim que o Benfica não precisa dele em Lisboa...

FERNANDO SA'

Em cima: o simpático Arsênio abandona o Campo Grande, após o treino da manhã. Recebeu já as instruções de Biri, de variados pontapés na bola, umas voltas ao campo, fez ginástica... Depois, no balneário, recebeu a inevitável massagem do Angelino, que também conhece do seu ofício. Em baixo: No seu estilo sóbrio mas vivo Arsênio persegue uma bola e vai aplicar o remate. O adversário está batido, e não sabemos agora se o guarda-rédes também...



durante a SEMANA



Uma fase do jogo Sporting-Ateneu, em «basket». Há estilo e movimento



A equipa de handball do Sporting, no campeonato de Lisboa



O sr. dr. Salazar Carreira, inspector dos Desportos, assistiu no Pôrto a uma distribuição de prémios aos campeões de atletismo nortenho. Apresenta-lo no momento em que abraça o «internacional» João Montalvão, do Estrela e Vitória



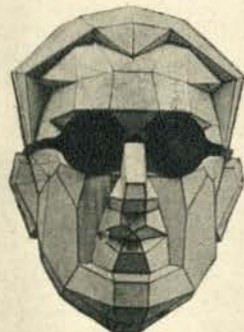
O 1.º grupo do At-neu, último adversário do Sporting no campeonato de «basket» de Lisboa



Um aspecto do jogo Sporting-Merivilense, para o campeonato regional de «handball»



Os remadores internacionais estiveram em Lisboa, onde foram homenageados. O sr. Presidente do Conselho, dr. Oliveira Salazar, recebeu-os no Palácio de S. Bento, no último sábado e, à noite, no Avenida Palace, foram distinguidos com um banquete, a que assistiram várias personalidades de relevo no desporto e na vida pública. Neste grupo que «Stadium» publica vêm-se entre outras figuras, o sr. Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional, Embaixador de Espanha, comandantes Tenreiro e Soares de Oliveira, etc.



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

136, RUA DA PRATA, 140
Telefone 22529 LISBOA

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

HÁ entusiasmo nas fileiras do clube do Bessa. A sua classificação, no actual momento, pode considerar-se boa, e por certo continuará em busca dos melhores resultados.

E não se pense que o Boavista não seja merecedor da classificação conquistada. O seu «team» está em progresso, é jovem, — e muito capaz de perturbar o trabalho dos melhores.

Sabemos, ainda, que vai receber reforços. Fala-se, por exemplo, na breve chegada de um avançado madeirense, e isto nos demonstra a sua firme vontade, o seu belo desejo de elevar o futebol da sua terra.

♦ O PORTO, entretanto, não anda em maré de felicidade. As «baixas» sofridas pela sua equipa deram-se por acaso em lugares de difícil substituição, e algumas derrotas que lhe foram aversadas amoleceram um tanto o ânimo dos seus adeptos.

Mas não vemos motivo para tanto. Até o lavar dos cestos é vindimo, como é vulgar dizer-se, e o F. C. do Porto terá ainda forças suficientes para reagir e enfileirar no grupo da cabeça.

♦ FALCÃO é o «Toninho» do F. C. do Porto, produto dos juniores, rapaz habilidoso mas de pequena estatura. Isso pouco importaria. Conheçamos muitos jogadores bons, do mesmo estilo físico. Mas, porque ainda não se fixou na 1.ª categoria? Porque no trio central têm andado Artur Sousa, Gomes da Costa, Araújo...

Dizer-se que Falcão teve a pouca sorte de nascer no F. C. do Porto é de arrojado ou de maldade inegável. A incoerência também não está posta de lado. Quantas vezes se tem escrito e escreverá que «um clube sem bons reservas... etc. etc!»

Valha-nos Deus!...

♦ VÁRIOS desportistas interessados no andebol portuense foram suspensos por um ano. Tomaram parte numa assembleia geral da A. H. P., — assembleia essa que tomou decisões que feriram pela sua discordância a ordens superiores, e o resultado não foi nada agradável, pelo que se vê...

♦ CONTRA o que já se anunciou, não foi anulado o primeiro jogo de basquetebol entre o F. C. do Porto — Vasco da Gama. E nem se vê motivo para tanto. O clube azul branco não procedeu com o má fé que se pretende imputar-lhe e o assunto será por certo considerado cuidadosa e imparcialmente pela respectiva Federação, que ainda se não pronunciou.

Mal a evitar...

O atletismo portuense, como por certo o atletismo nacional, tem-se guiado por um amadorismo que é orgulho, por uma doutrina intangível, digna do melhor aplauso. Os clubes da capital do Norte logem a enveredar pelo caminho do atletismo profissional, e defendem-no de mazelas perturbadoras, embora à custa de muitos sacrifícios e até da própria organização das suas equipas.

O atletismo, em boa verdade, merece essa preferência, a simpatia que lhe votam os dirigentes e o público. Mas, caste o que castar, torna-se necessário defendê-lo de maus princípios, de atitudes que o possam asfixiar e perder. Desenha-se um movimento de «caça», encoberto por hipotéticas mudanças de residência, arranjo de empregos e outras coisas que tais, e parece à gente do Porto ser da maior utilidade a repressão destes processos que não dignificam os seus desportistas.

Não queremos indicar casos nem pessoas ligadas ao trabalho de engajamento. Pretende-se apenas eliminar o mal que não estava nos hábitos do atletismo sério, e oxalá que todos ponderem cuidadosamente a verdade e os direitos da modalidade e também dos clubes que sacrificadamente preparam homens até à obtenção de uma popularidade, que tudo prejudica, finalmente...

O atletismo não pode comparar-se a muitos desportos profissionais. Mesmo em países onde a sua classe é considerável, foge-se abertamente à profissionalização. Veja-se o que está acontecendo a Gander Haeg e Anderson, na Suécia.

Campe a quem de direito eliminar o mal pela raiz, investigando bem sobre os motivos que produziram discutíveis transferências, hipotéticas mudanças de residência ou de emprego. Fazemos a advertência — generalizando. A bem do atletismo, da sua seriedade e do seu desportivismo.

O resto não nos interessará, hoje como sempre.

Novas directrizes sobre o Estádio do F. C. P.

TRABALHA-SE insistentemente na arramação de aspirações legítimas: — o Estádio do F. C. do Porto.

Os desportistas nortenhos, e especialmente os numerosos adeptos do clube campeão, estão suspensos da palavra da Câmara Municipal, cujo presidente, o ilustre professor dr. Luís de Pina, muito se tem esforçado no sentido de dar corpo a tamanha iniciativa: — construção do parque de jogos do F. C. P.

Os terrenos das Antas foram agora visitados pelos técnicos da C. M. P. e também pelo sr. engenheiro Sá e Melo, e via-se que seria preferível escolher outro local. Isso foi apreciado imediatamente, e sabemos que o arquitecto autor das primeiras plantas já elaborou os seus novos trabalhos. As terras escolhidas oferecem novas garantias. Estão localizadas no mesmo bairro de Costa Cabral, e apresentam-se menos obrigadas a terraplenagens.

Do que não há dúvidas, no actual momento, é que o F. C. do Porto está bem acompanhado pela edilidade portuense, de que fazem parte desportistas de categoria. Um deles, o dr. Carlos Teixeira da Costa Jr., antigo presidente do clube azul branco, fez também ouvir a sua voz autorizada, em aplauso sincero e justo ao dr. Luís de Pina.

Claro que isto não pode fazer-se com a velocidade necessária. Um campo de jogos, de mais a mais importante como deverá ser o do F. C. do Porto, não pode erguer-se de um momento para o outro. Interessa, entretanto, que ele se faça com brevidade. Que a ele se dediquem os melhores portuenses, as melhores forças da cidade.

O F. C. do Porto — todos o sabem — possui o valor de entidade que dignamente tem contribuído para a expansão do desporto da sua terra — e por isso é merecedor desta honra e deste sacrifício.

UM ATLETA portuense



Henrique Fabião — é sem dúvida o melhor temperamento de andebolista que tem a capital do Norte. Espírito nervoso, de uma dedicação clubista extraordinária, Fabião conseguiu granjear a estima dos sócios da sua colectividade, o F. C. do Porto, que representa há muitos anos.

Extremo esquerdo dos melhores do andebol português, Henrique Fabião ajudou a ganhar ao seu clube vários títulos nacionais da modalidade — salvo erro todos os que possui o F. C. do Porto.

Presentemente, trabalha Henrique Fabião, em conjunto com o seu colega Gomes dos Santos, na preparação de jogadores novos — e isto sem abandonar o seu posto na equipa do seu clube, da qual é capitão. Dizia-nos um director do F. C. do Porto, há pouco tempo:

— Fabião poderá vir a impor-se como excelente homem de direcção. Nós vigiamos cuidadosamente as possibilidades dos nossos atletas, e acredite que se alguns denunciarem capacidade directiva — Fabião está nesse numero.

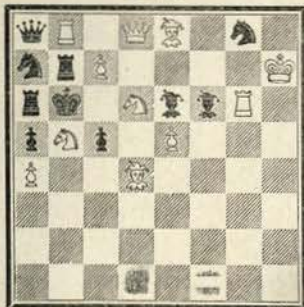
Quer isto dizer que o excelente atleta sabe ser um verdadeiro homem de clube. O andebol, como o basquetebol e o atletismo são modalidades que Fabião pratica dedicadamente, mas vê-se que não se mantém estranho à vida e dificuldades da sua colectividade.

Os dirigentes de hoje podem ter sido atletas de ontem. Distinguem-se às vezes, os que foram praticantes, pelo seu conhecimento especial sobre o movimento desportivo, sobre as mil particularidades ligadas a jogos em que se notabilizaram. Por isso, dando relevo às palavras do dirigente azul branco, — apontemos a Fabião mais uma virtude e uma possibilidade de continuar trabalhando pelo seu clube.

Mas quando abandonar a prática do andebol. Ainda é muito novo... e admirável jogador!

PROBLEMA XXII

«Pan»



2 X

PROBLEMA XXIII

«D. Paio»



2 X

XADREZ

Concurso-treino de Exercícios de Reconstrução de Problemas

DESTINADO a propagar uma interessante e pouco divulgada modalidade, a nossa Revista vai promover um novo Concurso de Xadrez, com a série de 10 problemas—exercícios que proporemos à sagacidade dos nossos leitores.

A tabela da pontuação é a seguinte:

Resolução exacta: 3 pontos.
Resolução não completamente exacta, mas com semelhanças essenciais: 1 ou 2 pontos, consoante o mérito julgado pelo juiz, o problemista sr. José Casimiro Vinagre. A apresentação de versão insolúvel, ilegal ou com dupla solução acarretará a perda de 1 ponto.

Envios de soluções, em diagrama ou notação Forsyth, directamente ao juiz, para a Rua do Salitre, 177-4.º, Lisboa.

Prazo de resolução: 30 dias a contar da data da publicação.

PROBLEMA N.º 1.

Chave: 1. Tg6, ameaça 2. f6-f7 mate.

variantes (1... Cd7; 2. e8=C
1... Bg7; 2. PxB=B ou D
1... Bb5; 2. Bg5
1... Dd5 ou c8; 2. Dd5
1... Tou BxP; 2. Pxe7
1... Bg7; 2. Pxe7)

—Do problemista holandês A. M. Koldijk recebemos uma valiosa oferta de 30 problemas

versando o tema proposto no nosso Concurso de Composição. Esta colecção, que consta de alguns admiráveis trabalhos de bons autores internacionais, compilados de diversas colunas de xadrez e magazines especializados, vai ser enviada ao juiz do Concurso para o efeito de verificação de possíveis antecipações. Prevendo o justificado interesse dos nossos leitores, esta série de problemas será oportunamente publicada na «Stadium», em notação Forsyth, destinando-se alguns para o próximo Concurso de Exercícios de Composição.

Como o mestre português Lupi ganhou ao Campeão do Mundo Alekhine

Branças: LUPI Fretas: ALEKHINE

P. R.—Defesa Francesa—1.e4, e6 2.d4, d5. 3. Cc3, Pxp, (Esta variante era a predilecta do antigo campeão mundial, Lasker, que Capablanca bateu) 4.CxP, Cf6 5.Bd3, Cd7 6.Cf3, CxP 7.BxP, Cf6 8.Bd3, b6 9.0-0, Be7 10. Ce5, Bd7 11. c3, 0-0 12.Be3, Be8 13. De2, c5 14. Tf-d1, Cd5! 15.PxP! De7! 16.Cf3, Pxp 17.Cg5, g6 18.Be1, Td8 19.Be4, Bf6 20.Df3, Bg7 21.Dh3, h6 22.Cf3, Cxc3.

(Alekhine decide-se por um contra-ataque perigoso, a fim de contrabalançar a forte pressão exercida pelas brancas sobre o roque negro.) 23. TxT, Dxt 24.PxC, BxP 25.Tb1, Dd1 26.Bf1, De2 27.Dxh6! (As brancas voltam à carga! A réplica de Lupi significa o fracasso da engenhosa combinação de Alekhine para recuperar a peça sacrificada.) 27...Bg7 (Se Dxt, então Cg5, e Lupi dá mate na jogada seguinte!) 28.Dh3, g5! 29.Cd2, Dxp 30.Bd3, f5 31.Be4, De2 32.BxP, Bf7 33.BxP, Dd1 34.Cf1, Dh5 35.DxD, BxD 36.Be6, Rh7 37.Tb7, Te8 38.BBf5, Rg8 39.BxP Alekhine está irremediavelmente perdido. E, após nove lances mais, de luta inútil, o campeão desistiu.

Vasco C. Santos

Agostinho Guedes e Cerdan

dão-nos as suas impressões sobre o combate

(Continuação da página 10)

nama desforra não seria colhido em frio como hoje...»

O que disse Cerdan

«Estou satisfeito com a vitória e só lamento ter sido um portagüês a minha vítima. Guedes tem qualidades físicas excelentes, mas carece de experiência e conveniente preparação. A atitude do público portagüês deixa-me muito sensibilizado, pela simpatia que demonstrou a meu favor».

Os restantes combates da noite

O match Clavari-Figueiredo foi menos brilhante que a pejeia Sousa-Clavari realizada dias antes. Atribuímos isso a duas causas: primeira, o curto intervalo havido; segunda, as vantagens físicas de Figueiredo.

O italiano, apesar de superiormente melhor pugilista, não ganhou o combate. Fez um jogo cuidadoso e lento, de acordo com o seu cansaço natural inevitável. Segundo a nossa pontuação, Clavari obteve 133 pontos e Figueiredo 150. O árbitro registou respectivamente 135 e 150. Como se vê, muito escassas as diferenças e concordantes nos dois casos.

O público foi injusto com o árbitro e deve convencer-se de

que as decisões por pontos obedecem a determinadas regras. Enquanto o referido público as não conhecer e souber aplicar, faz muito melhor figura discordando calado.

Reprovável a atitude do italiano, permanecendo no «ring» a animar os protestantes com a sua presença.

Antes disso vimos um António Mateas destreinado bater-se com Wilson. Combate por vezes dano, mas irregular. O moçambicano batalhou com velocidade e persistência, merecendo a vitória; Mateas replicou-lhe com brio. Em condições de treino apurado, seria interessante vê-los de novo.

A abrir a sessão, Trindade e Cruz Passos batalharam em 8 assaltos. Trindade resistia bem, mas a sua pouca idade e fraco físico não conseguiram equilibrar a balança. Vitória por pontos de Passos.

As arbitragens

De um modo geral, tanto as decisões como o trabalho dos árbitros satisfizeram-nos. Pena é que o público procure inflar no ânimo dos directores dos combates, adulterando os resultados e insultando pouco corajosamente os que não julgaram de acordo com a vontade popular.

Índice lamentável duma mentalidade inferior.

As dificuldades do Casa Pia

(Continuação da página 6)

— Tanto quanto nos é possível. E' uma luta constante para que bem se compreenda o valor da nossa missão.

— Desportivamente?
— Melhorámos. Notaram-no por certo. No futebol, a nossa posição não tem sido feia, mesmo com a desvantagem de vivermos na prática do popular jogo nas condições de todos os outros grupos. O nosso «team» é só de casapianos. Não há ordenados, nem dinheiros para jogadores. Será ingloria esta nossa luta? Mas quando assim não fosse, perdia-se tudo o que de belo e especialmente significativo rodeia o nosso clube. O Casa Pia Atlético Clube é, e deverá ser sempre, um elemento nitidamente casapiano.

— O Casa Pia Atlético Clube vive no espirito dos «gansos» de hoje?

— A tradição passa palavra de geração para geração. Mas estamos esperançados de que a verdadeira missão do nosso clube junto dos casapianos de hoje há-de vir a ser melhor compreendida e então amplamente aproveitada.

— Vão desenvolver a actividade desportiva?

— O mais que for possível. O basquetebol está logo a seguir ao futebol. Outras modalidades procuraremos desenvolver, dar movimentação e actividade.

— Aspirações?
— Primeiramente, que possamos ser o mais Casa Pia possível. Que

nos deixem expandir a nossa acção principal: colaboração o mais íntima possível com os casapianos que agora se vão formando. Mas a nossa mais instantânea aspiração, o nosso desejo mais premente, é pedir a todos que não se esqueçam que o Casa Pia não tem campo de jogos. Depois que o nosso Restelo teve de ser sacrificado ao plano de construções da Exposição do Mundo Português, nunca mais tivemos um pedaço de terreno onde livremente pudéssemos praticar jogos desportivos. Desde então, até hoje, andamos devendo favores — que não esqueceremos — a outros clubes, pela cedência dos seus campos de jogos. Esta época foi o da Amadora. Qual será o do próximo ano? Aguardamos que, em um futuro próximo, alguém se lembre da nossa existência e do valor da nossa missão, como clube de características desportivas tão especiais, cuja finalidade é fortalecer pelo desporto a camaradagem e a solidariedade entre os casapianos.

A parte isto — diz-nos o sr. Gomes Marques, a terminar, — garantir a todos, ao desporto e aos casapianos, a existência de um clube que seja o fiel reflexo de todo o valor e prestígio da Casa Pia.

O Casa Pia Atlético Clube! E' de facto muito simpática esta colectividade — e merecedora de melhor situação.

F. S.

Campeonato Nacional da II Divisão

CONTINUOU no domingo, em segunda jornada, o campeonato nacional da 2.ª Divisão. Do mapa de resultado saíram alguns dignos de referência especial, e que se apontam: empate de Leixões-S. C. de Braga (1-1), Gil Vicente-Académico (1-1), Ovarense-Lamas (5-0), Fcimbricense-Tondela (2-2), Futebol Benfica-Alhandra (4-1), Almada-Marvilense (3-2), Palmelense-Fósforos (0-5), Farense-Boa Esperança (1-1).



Micael não baterá Azevedo desta vez! O guarda-rêdes internacional obriga o alcantarense a rematar para fora

O SPORTING rematou bem



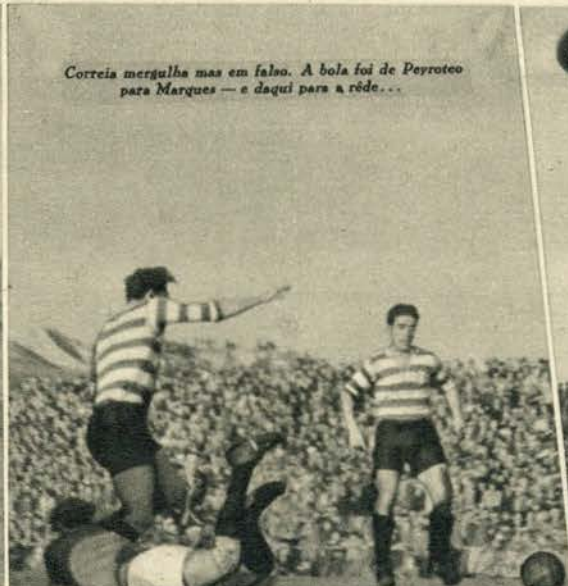
Não conseguiu Correia segurar esta bola, rematada por Peyroteo, que não se vê na gravura. Mas não houve perigo.



Dois alcantarense saltam à bola: Armindo e Gregório. Nada de novo, todavia...



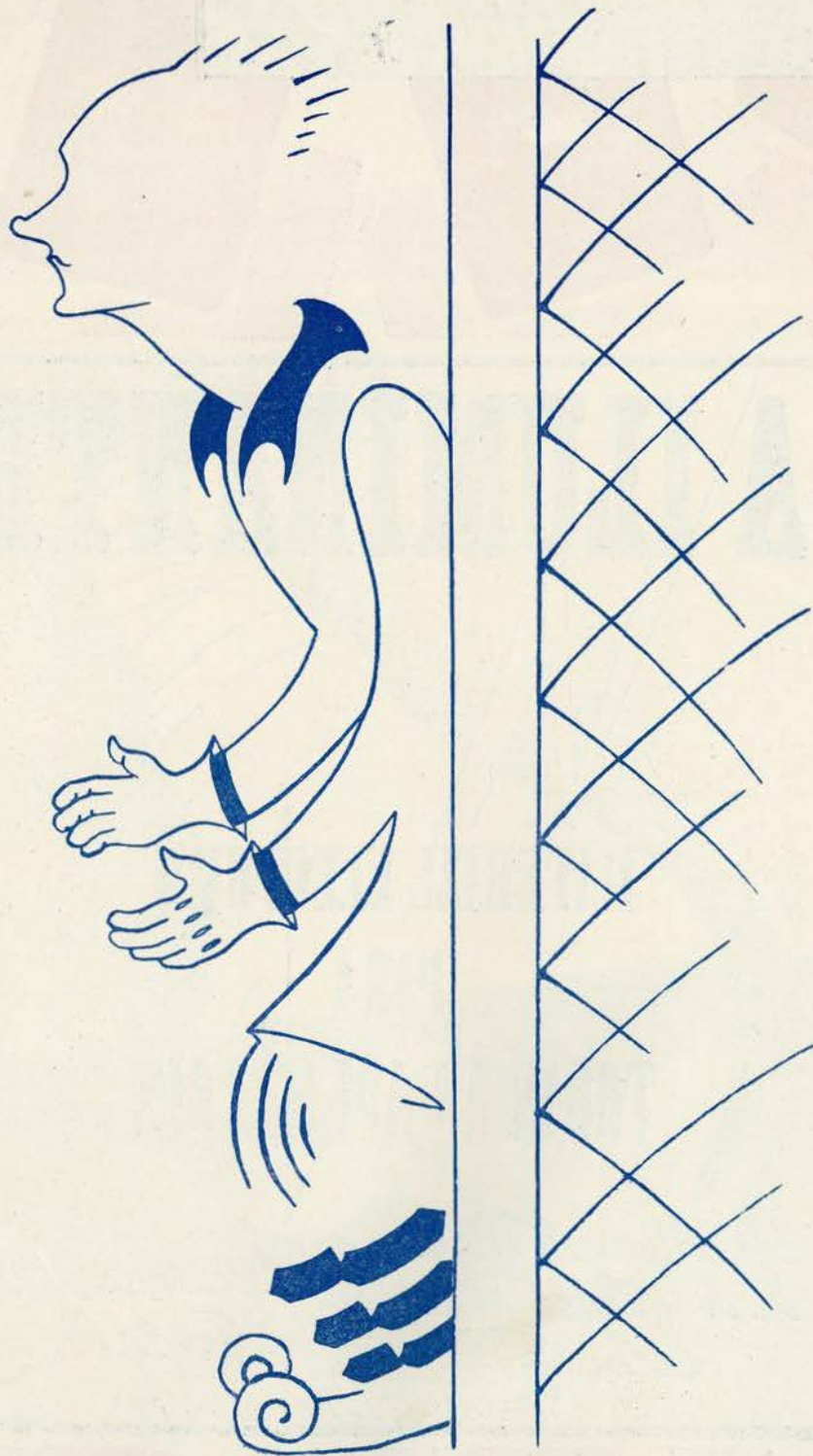
Outra grande defesa — estilo Azevedo! Gregório reconhece que nada conseguirá!



Correia mergulha mas em falso. A bola foi de Peyroteo para Marques — e daqui para a rede...



O guarda-rêdes nacional parece implorar a descida rápida da bola. Lá lhe vai às mãos ágeis e seguras.



Stadium

A ILUMINANTE

**MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICACOES**

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*

Esc. 2\$00